

Título	Invenção, memória, sonho	Autor	Moacir dos Anjos
Data	2004	Artista	Valeska Soares
Publicação	ANJOS, Moacir dos. <i>Invenção, Memória, Sonho</i> . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Cultura, 2004.		

Invenção, memória, sonho

*Às vezes o espelho aumenta
o valor das coisas, às vezes anula.*

Italo Calvino

Da obra de Valeska Soares se pode esperar poucas certezas semânticas. O que ela oferece, em doses medidas, mas nunca menos que o bastante, são sugestões, estados de ânimo, pequenos estímulos à construção de tramas particulares de entendimento. Não se encontra nela, ademais, apego excessivo a estilo ou técnica, matéria ou tema. Existe, ao contrário, a promoção deliberada do trânsito entre formas distintas do conhecimento. A despeito, entretanto, de que meio ou procedimento a artista faça uso – fotografia ou cheiro, texto ou arquitetura –, sua produção sempre avizinha o fascínio exercido por ideias ou coisas da desorientação que a excessiva proximidade delas engendra. Promove, dessa maneira, a diluição dos limites tênues que apartam o prazer do saber do entorpecimento do juízo crítico.

A instalação *Détour* (2002) é exemplar da imprecisão e da irreduzível singularidade com que, para Valeska Soares, cada um constrói o discernimento sobre o entorno sensível que habita. Numa referência possível à fabula de Lewis Carrol (*Alice através do espelho e o que Alice encontrou lá*), uma porta giratória leva o visitante a entrar em uma sala iluminada e ampla onde duas das paredes são recobertas por espelhos; situadas em faces opostas do ambiente, refletem uma à outra e tudo o que entre elas se posiciona. Nas demais paredes, imagens fotográficas de um portal cerrado e de seu reflexo sobre o piso são impressas – enfileiradas – ao longo de toda a sua extensão, multiplicando-se virtualmente para um e outro lados do recinto. Não há paralelismo, porém, entre os dois planos espelhados, submetidos a sutil desvio de prumo. Não há também, portanto, repetição infinda de imagens idênticas. Há, em seu lugar, proliferação especular de imagens – seja dos portais, seja de quem a sala ocupa – rumo a lugares cuja visão gradualmente escapa aos olhos do visitante. A ilusão de reflexo circular urdida pela artista cria túnel virtual do qual o olhar apreende apenas um segmento; todo o resto, como *Alice* logo aprendeu quando entrou na “casa do espelho”, é preenchido por invenção, memória e sonho.

De pontos diversos desse ambiente descontínuo emanam, ainda, sons de vozes distintas que contam uma mesma história por todo o tempo. É a história de Zobeide, cidade criada pelo escritor Italo Calvino; nela, as ruas “giram em torno de si mesmas como um romance”, quase uma armadilha para estranhos. Ao deslocar-se pela sala, o visitante negocia as ênfases e os tons de vozes tecidos pelos percursos de vida de cada um dos que relatam a ficção. Cacos de uma narrativa inteira sobrepostos um ao outro em atrito, essas falas são juntadas de forma única e nova somente na mente de quem despenda com o trabalho algum tempo. Há nessa configuração do ambiente, portanto, um convite inequívoco à participação do observador, sem o que o esforço da artista resumir-se-ia à construção objetual fortuita¹.

¹ Método de construção semelhante é utilizado no trabalho *Tonight* (2002). Ao invés de vozes que se misturam, contudo, são as imagens filmadas de várias pessoas, dançando sozinhas em um mesmo local e ao som de uma mesma música, que são artificialmente sobrepostas, provocando encontros e afastamentos virtuais entre elas. Cabe a quem vê esses quase espectros imaginar narrativas que articulem (ou não) suas respostas corporais à música tocada.

Título	Invenção, memória, sonho	Autor	Moacir dos Anjos
Data	2004	Artista	Valeska Soares
Publicação	ANJOS, Moacir dos. <i>Invenção, Memória, Sonho</i> . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Cultura, 2004.		

É justo nessa aposta na potência da imaginação do outro que se ancoram vários dos trabalhos recentes de Valeska Soares, alguns dos quais exploram – como *Détour* – o poder de sedução e estranhamento detido por superfícies reflexivas: poder para promover o ajuste incômodo entre a ideia que se possui dos demais e de si mesmo e o que de perto se vê nelas refletido.

A ambiguidade desse processo de cognição é sugerida, de maneira abrangente mas concisa, no trabalho *Fainting Couch* (2002). Um austero divã feito de aço perfurado e polido atrai o olhar de quem dele se acerca, devolvendo-lhe o reflexo de um rosto em dúvida sobre a natureza ou função daquele objeto. Posto sobre uma de suas extremidades, um travesseiro de tecido serve de apoio gentil à cabeça – lugar suposto como o da razão e do discernimento –, convidando o visitante ao recolhimento e ao aprendizado regulado da ciência. Da superfície perfurada do divã exala, contudo, um delicado mas insinuante aroma de flores, depositadas supostamente no interior do móvel. Iniciador de um processo de associação mnemônica de sentidos e afetos, o aroma distrai e enturva, em graus variados, a inquisição racional simbolicamente sugerida pelo divã posto no meio da sala. Diante de estímulos tão díspares mas igualmente fortes – próprios de um mundo onde hierarquias se reconstróem a toda a hora –, o trabalho de Valeska Soares parece confrontar a possibilidade de construção de um método unívoco de conhecimento. Ao invés do exato, que se apreenda o impreciso que ronda cada passo dado; ao invés da busca do certo, que se assuma o risco de perder-se em diferentes rotas.

Essa indistinção de sentidos está claramente também presente nos trabalhos, feitos já há algum tempo, em que Valeska Soares instalou pequenos nichos feitos de cera de abelha em paredes de salas expositivas. Numa ocasião, pôs um deles próximo a centenas de rosas vermelhas deitadas no piso (*Sem Título [From Fall]*, 1994), obrigando o visitante a pisar nas flores caso quisesse aproximar-se da cavidade oca criada – outra perversidade inequívoca que fazia liberar a fragrância vibrante mas gradualmente nauseabunda das rosas. Em outro momento, untou um conjunto disperso de nichos com óleos de perfumes diversos; em vez de imagens religiosas ou profanas, contudo, os nichos vazios devolviam nada ao olhar interessado do visitante; o oferecimento era para o outro sentido, capturado sem aviso e envolvido em aromas tão agradáveis de pronto quanto excessivos com o passar do tempo.² Retomando a forma do nicho após anos, a artista o faz dessa vez em aço inoxidável, abandonando a textura porosa e orgânica da cera pela assepsia própria de uma matéria lisa e dura (*sem título (da série Vanishing Point)*, 2002). De novo, porém, nada o preenche; nenhum cheiro agora, ademais, dele se desprende. Mesmo a superfície reflexiva do nicho não devolve, a quem pousa nele o olhar, imagem que confirme o que usualmente se espera da experiência do espelhamento. Sua concavidade e colocação na sala distorcem as imagens nele refletidas, confundindo quem busca ali uma forma de (auto)conhecimento mas enxerga apenas fragmentos de uma identidade que não encontra sequer abrigo.

É da conflituosa afirmação de identidades que trata também, ainda que em registro distinto – não mais o indivíduo, mas o coletivo –, o trabalho feito por Valeska Soares para o projeto *InSite* (2000), realizado nas cidades fronteiriças de

² A atração imediata e a repulsa gradual que o excesso de perfume provoca foi também explorada pela artista na instalação *Vanishing point* (1998), formada por quinze tanques de aço – dispostos em uma sala ampla de modo a simular a configuração de um jardim – preenchidos com uma mistura densa de óleo e perfume. Após breve permanência no ambiente, o que fora inicialmente percebido como aroma agradável se tornava, para o visitante, cheiro intoxicante.

Título	Invenção, memória, sonho	Autor	Moacir dos Anjos
Data	2004	Artista	Valeska Soares
Publicação	ANJOS, Moacir dos. <i>Invenção, Memória, Sonho</i> . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Cultura, 2004.		

Tijuana (México) e San Diego (Estados Unidos). Fronteiras são locais de espreita, de contato e de confronto com o outro; são espaços de formação de ideias de si e de demarcação de diferenças. São ainda e potencialmente locais de passagem e de incessante permuta de bens e desejos. Fronteiras, entretanto, são igualmente espaços de exclusão e de apartamento. A divisa entre Tijuana e San Diego condensa, de vários modos, a ambiguidade que permeia e preside a relação entre diferentes. Tão próximas uma da outra quanto distantes, essas cidades se unem, no campo simbólico e da geopolítica, pelas mesmas razões que são fisicamente separadas de modo tão ostensivo (potenciais imigrantes vindos de Tijuana são proibidos de ultrapassar a fronteira, sob o risco de serem detidos ou mesmo alvejados por guardas estadunidenses que a guardam da mácula de sua transposição). Ao sobrepor, com placas de aço inoxidável, uma porção da cerca de arame que obstrui as bordas entre as duas cidades, Valeska Soares faz com que a matéria reflexiva que usa mimetize o ambiente à sua volta, desmanchando virtualmente a cerca opressiva e criando a ilusão de que é possível cruzar o espaço que separa um e outro território através de área desimpedida. Ao invés, contudo, do que aconteceu a *Alice* em sonho, aos habitantes de Tijuana o espelho não se dissolve em brumas. A ilusão de passagem é logo desfeita e quem mira com atenção o trabalho da artista vê nele apenas a imagem invertida de seu próprio isolamento: uma identidade feita por continuada subtração de confrontos com o que é diverso e novo. Trabalho cujos sentidos são criados somente no lugar onde é construído, esse acesso inventado sugere o desmanche de um espaço de interdição apenas para reafirmar, em seguida, a solidez e a permanência de uma barreira entre povos vizinhos.

Ainda que isolado do contexto geopolítico que torna ambíguas as propriedades das matérias reflexivas, outro trabalho da artista também faz dessas superfícies misto de passagem e de impedimento. Recobrimo parede inteira de uma sala com placas regulares de espelhos, Valeska Soares desdobra o espaço e amplia o mundo, fazendo caber nele também o seu avesso (*Bibliografia Espelho*, 2002). Ao aproximar-se desse lugar de ilusão e vertigem, percebe-se, contudo, que sobre cada uma das placas espelhadas há algo escrito, o que retira da superfície do trabalho o senso de profundidade e faz o olho enxergar com clareza os limites de movimento do corpo. Cada fragmento ali escrito se resume a dados bibliográficos de livros que possuem, em seu título, a palavra “espelho”. A leitura dessa extensa e diversa bibliografia impressa sobre a parede leva a uma confluência gradual entre a palavra nela aposta e a coisa por ela descrita, construindo inebriante espiral cognitiva feita do pensado e do sentido. Permite também que, das tantas alusões à natureza ou à ficção contidas nos títulos daqueles livros, outras narrativas se criem, abrindo passagens simbólicas naquela parede dura e levando, quem queira, a inventar significados próprios para o que ao mundo oferece a artista.